



UNILAB
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

VIRGÍNIO VICENTE MENDES

RITUAIS DE INICIAÇÃO DO POVO MANJACO DA GUINÉ-BISSAU:
ADIVINHO/NAPENE E RÉGULO/NAMANTCH

São Francisco do Conde

2017

VIRGÍNIO VICENTE MENDES

**RITUAIS DE INICIAÇÃO DO POVO MANJACO DA GUINÉ-BISSAU:
ADIVINHO/NAPENE E RÉGULO/NAMANTCH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

São Francisco do Conde

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M492r

Mendes, Virgínio Vicente.

Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau : Adivinho/Napene e Régulo/Namantch / Virgínio Vicente Mendes. - 2017.
55 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

1. Etnologia - Guiné-Bissau. 2. Manjaco (Povo africano). 3. Ritos de iniciação - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 299.6138

VIRGÍNIO VICENTE MENDES

**RITUAIS DE INICIAÇÃO DO POVO MANJACO DA GUINÉ-BISSAU:
ADIVINHO/NAPENE E RÉGULO/NAMANTCH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 26/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Karl Gerhard Seibert – Orientador

Doutor em Ciências Sociais, Estudos Africanos, pela Leiden University, Holanda
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Carlindo Fausto Antonio – Examinador

Doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela Univ. Est. de Campinas -
UNICAMP

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Ismael Tcham – Examinador

Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho aos meus irmãos, Ana Mendes, Virgínia A. Mendes, Nina Mendes, Janif Kariuka Mendes, Nataliano Darukarim Mendes, Leonildo Mendes, Naiza Carolina Mendes, e Ivaldina Domingas Mendes, Genivieva Gomes, Manuela Mendes, José Martinho Gomes e em especial a minha querida filha Domingas Fernandes Mendes.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo à UNILAB por ter oferecido as condições necessárias para que pudesse concluir o curso e realizar este trabalho;

Ao instituto de Humanidades e Letras, pela competência com que sempre coordenou o curso;

Ao meu pai, Jorge Mendes, que por mim e minhas irmãs Ana e Virgínia, deixou a sua cidade na Guiné – Bissau, interrompendo seu próprio estudo para ajudar minha mãe Amália a cuidar da família. Pelo empenho em trabalhar no comércio para que pudéssemos ter o sustento, estudo e vestimentas;

À minha mãe, Amália Pereira, que durante a ausência do meu pai em 2001, ocupou com bravura o lugar dele, cuidando e alimentando 8 filhos com a venda de *donuts*. Ainda ouço o seu conselho – “foque nos estudos e todas as coisas serão obtidas, pois há tempo para tudo”;

Aos meus professores, pelas aulas que ficarão sempre na memória. Depois delas comecei a valorizar a mim mesmo e ao meu povo. Vocês permitiram, inclusive, que construísse uma visão crítica de todas as coisas, até mesmo da minha crença;

Muito grato à Noelma Mascarenhas e a Solange Carnaíba pela ajuda, paciência, disponibilidade, esforço e dedicação inenarrável em todo o processo de correção deste trabalho;

A Orlando Joaquim Mendes, Victor Pereira, Ana Mendes, Vicente Mendes, Roberto Catuma, Jean Mendy, Formoso Gomes, Tarique Pereira, Samper Lopes, Carlos Mendes Bitam, por deixarem o que teriam por fazer para atenderem minhas ligações, a fim de compartilhar os seus conhecimentos comigo, através de vídeo chamadas no Skype, nas ligações e “*Messenger*”;

A Egas Mendes e Dalton Formoso Mendes pelas imagens e fotos que me forneceram;

A Viano Mendes pela entrevista realizada com ele, como também pelas entrevistas presenciais efetuadas com vários homens velhos e jovens em diferentes aldeias no setor de *Caliquesse*, as quais me foram entregues na íntegra para compor o presente trabalho;

Aos colegas da universidade que deram as suas contribuições com algumas outras entrevistas, são eles: Luís Fernandes Júnior, Hipólito Mendes, Jerônimo Pereira, Leonel Vicente Mendes, Clemente Mendes, ao meu amigo Isna Gabriel Sia

que desde o início deste meu trabalho, durante grandes aflições, consolou-me, animou-me, a fim de que não desanimasse e sempre me falava sobre não desistir e acima de tudo acreditar sempre em minha capacidade;

Sem esquecer-me da instrutora bíblica, Dona Luzia Almeida, pela disposição e incansável tarefa de repassar o conhecimento bíblico, que no momento em que foram comparados ao conteúdo deste trabalho, serviram de parâmetro com relação a diversidade das crenças e cerimônias ritualísticas do mundo;

Por fim agradeço também a Bernardo Alexandre Intipe, Baticã Mané, Terezinha Joaquim Mendes e Vicente Mendes.

“A iniciação é, portanto, a “forma sintética dos ritos de passagem, por meio dos quais ela opera”. Mas a iniciação é mais do que simplesmente um rito de transição, ela é um rito de formação. Esta formação vai diferenciar os participantes ou o círculo dos neófitos dos “de fora”, daqueles exatamente não-iniciados”.

(RAMOS, 2012, p. 4)

RESUMO

O presente trabalho discorre acerca de alguns rituais relacionados ao povo *manjaco* da Guiné-Bissau: Adivinho / *Napene*, *Régulo* / *Namantch* e Escultura do Ancestral. O seu objetivo é analisar e compreender os requisitos para se tornar adivinhos e régulos. E para atingir esse objetivo foi feita uma pesquisa antropológica, bibliográfica e etnográfica, através desta faz-se uso da entrevista semiestruturada para os conhecedores destas práticas culturais. Os resultados revelam que as almas dos ancestrais que permitem as pessoas tornarem adivinhos enquanto que há quatro situações para a substituição de um régulo, entre as quais: descobrimento do cadáver do régulo, a inaptidão para exercer as suas funções, escolha da pessoa pelo régulo principal e sua princesa e reunião dos anciãos para a escolha do régulo. Averigua-se inclusive que conforme a teoria antropológica de Van Gennep implica-se para os ritos de iniciação as fases denominadas de separação, de margem e de agregação, que correspondem, respectivamente, ao afastamento temporário do neófito do local onde vive; uma série de testes e provas aplicados pelo sábio, para verificar a devida aprendizagem e retorno do recém-iniciado ao grupo de origem, já transformado e apto para desempenho daquilo a que se propôs; rito para Escultura do Ancestral e finalmente, após análise dos dados apresentados, as devidas observações conclusivas. Espero que este contribua para a divulgação da cultura social dos Manjacos, sobretudo para mostrar os valores e idoneidade tanto dos régulos quanto dos adivinhos.

Palavras-chave: Adivinho. Escultura do Ancestral. Povo *Manjaco*. *Régulo*. Rituais de iniciação.

ABSTRACT

The present work deals with some rituals related to the manjaco people of Guiné-Bissau: Diviner / Napene, Regulus / Namantch and Sculpture of the Ancestor. Its purpose is to analyze and understand the requirements to become soothsayers and rulers. In order to reach this goal, anthropological, bibliographical and ethnographic research was carried out, through which the semi-structured interview was used for those who knew these cultural practices. The results reveal that the souls of the ancestors that allow people to become soothsayers while there are four situations for the substitution of a regulo, among which: discovery of the corpse of the regulo, unfitness to perform its functions, choice of person by the main regulo And his princess and assembly of the elders for the choice of the ruler. It is even found that according to the anthropological theory of Van Gennep, the stages of separation, margin and aggregation, corresponding to the temporary departure of the neophyte from the place where he lives, are implied for initiation rites; A series of tests and tests applied by the sage, to verify the proper learning and return of the newly initiated to the group of origin, already transformed and able to perform what was proposed; Rite for Sculpture of the Ancestor and finally, after analysis of the presented data, the due conclusive observations. I hope that this will contribute to the dissemination of the social culture of the Manjacos, especially to show the values and suitability of both the rulers and the diviners.

Keywords: *Manjaco* People. *Regulus*. Rituals of initiation. Sculpture of Ancestral. Soothsayer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Guiné-Bissau por etnia.....	15
Figura 2	Cacheu e suas fronteiras.....	17
Figura 3	Povo manjaco de Caliquesse.....	17
Figura 4	Espíritos, Santos/Almas Ancestrais e mortais.....	20
Figura 5	Imagem do <i>Napene</i> (Adivinho/Curandeiro).....	25
Figura 6	Imagem do <i>Régulo</i> com sua primeira esposa.....	42
Figura 7	Cerimônia para elaboração da Imagem Ancestral.....	44
Figura 8	Alimentos e bebidas para festa da Escultura Ancestral.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	PERFIL DA GUINÉ-BISSAU.....	14
1.2	REGIÃO DE CALIQUESSE E O POVO MANJACO.....	16
1.3	SOCIEDADE MANJACO.....	18
1.4	<i>IRÃS/GËTCHAI</i> (ESPÍRITOS) E <i>BALUGUM</i> (SANTOS/ALMAS ANCESTRAIS) NA RELIGIÃO <i>MANJACO</i>	20
2	RITUAIS DE INICIAÇÃO	23
2.1	CERIMÔNIA DE INICIAÇÃO <i>PËSSON BËPENE</i> (ADIVINHO / CURANDEIRO).....	23
2.1.1	Fase do Afastamento	29
2.1.2	Fase da Margem	30
2.1.3	Fase da Agregação	31
2.2	CONDIÇÕES PARA INICIAÇÃO DO <i>NAMANTCH (RÉGULO)</i>	32
2.3	CANDIDATURA <i>NAMANTCH UTCHAK</i> CONFORME ENTREVISTADO...	34
2.4	FORMAS DIFERENCIADAS PARA CANDIDATURA AO POSTO DE <i>NAMANTCH UTCHAK</i>	35
2.4.1	Situação 1	36
2.4.2	Situação 2	36
2.4.3	Situação 3	37
2.4.4	Situação 4	42
3	<i>KALUMP PËTCHAAP</i> (CERIMÔNIA PARA ELABORAÇÃO DA IMAGEM ANCESTRAL)	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO - Glossário do idioma <i>Manjaco</i>	52

1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares da transmissão cultural, que falam de valores, crenças e histórias ancestrais, porém é sabido que a saga mercantilista dos países do velho mundo vem ao longo do tempo numa ação contínua e não finalizada, destituindo este continente da sua identidade territorial, social, e cultural, como se pode ver abaixo:

Quando chegaste os mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto, não apenas pela fala, mas porque havia árvores [...]. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as histórias que os mais velhos contavam, quando chegaste. Mas não! Preferiste disparar os canhões! (RUI, 1985, p. 12).

Objetivando a manutenção do registro de alguns processos ritualísticos do povo da Guiné-Bissau, foi realizado este trabalho, que tem como principal finalidade, a divulgação, mesmo que ínfima, dessa cultura riquíssima. Para tanto será aqui disponibilizada uma análise cuidadosa de tais processos (rituais *manjacos*), para que uma parte desta tradição milenar seja devidamente exarada e divulgada. A escolha do tema correlacionada à Mãe África, foi exclusivamente com o intuito de contribuir para difusão da cerimônia de Elaboração da Imagem Ancestral e dos ritos Adivinho/Curandeiro e Chefe/Régulo com suas fases classificadas por Van Gennep como: afastamento, margem e agregação. A opção pelo suporte foi por conta do período prolongado de visibilidade que o mesmo nos permite, contrapondo-se, portanto, à fluidez e finitude das narrativas orais.

Em todo processo foi utilizada uma metodologia com abordagem qualitativa, ancorada na conceituação, descrição e caracterização de um dado fenômeno. Para tanto foram utilizadas à nível de coleta de dados, referências bibliográficas com temas similares de publicações impressas e/ou eletrônicas, entrevistas via *messenger*, que seguiram uma linha conhecida por Triviños (1987, p. 138) como “técnica da triangulação de dados, que tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explanação e compreensão do foco em estudo”.

1.1 PERFIL DA GUINÉ-BISSAU

Fica situada na Costa Ocidental da África, fazendo fronteira com Senegal ao Norte e Guiné Conakry ao Sul. Banhada pelo oceano Atlântico tanto na costa Leste quanto Oeste. Possui clima tropical com diferentes paisagens, ecossistemas diversos e uma rica biodiversidade (flora e fauna).

A Guiné – Bissau tem superfície de 36.126 km² e vastas bacias hidrográficas, onde se destacam rios importantes como: Cacheu, Geba e Mansoa. Possui cerca de 90 ilhas e ilhéus, sendo 17 habitadas.

Dividida administrativamente em um setor autônomo chamado Bissau e três províncias: Norte, Sul e Leste. Na província do Norte ficam *Biombo*, *Cacheu* e *Oio*; na província do Leste temos a *Bafatá* e *Gabu* e na província do Sul estão *Bolama* dos *Bijagos*, *Quinara* e *Tombali*.

No século XIII os *Mandingas* vindos do *Mali* conquistaram as duas atuais regiões da província do Leste e instalaram o império de *Gabu* sob administração do *Mali*, que mais tarde no século XV ganhou autonomia. Já no século XIX, este reino foi contestado pelos *Fulas*, numa batalha bem lembrada por muitos guineenses como “batalha de *Kansala*”. O reino foi levado à submissão do império *Fula* e sua hegemonia e influência propagada para outros reinos da Guiné até finais do século XIX e começo do XX.

Conforme o Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau a população estimada é de 1,4 milhões e segundo censo realizado em 2008 existiam aproximadamente 1.442.227 (um milhão quatrocentos e quarenta e dois mil, duzentos e vinte sete) habitantes, distribuídos da seguinte forma: [...] Os *Fulas* correspondem à etnia com maior expressão no país (28,5%). Seguem-se os *Balantas* (22,5%) e *Mandingas* com 14,7%. A população pertencente à etnia *Papel* corresponde a 9,1%, e a pertencente à etnia *Manjaco* corresponde a 8,3%. As pessoas pertencentes às etnias *Nalu*, *Saracole* e *Sosso* correspondem a proporções abaixo de 1% [...].

Figura 1 - Guiné-Bissau por etnia



Fonte: Antonio Trabulo (2013).

Ainda informa que a Guiné-Bissau possui três religiões dominantes que são, (2008, *Ibid.*, p.22), [...] a religião muçulmana (45,1%). Seguem-se os cristãos (22,1%), e os animistas¹ (14,9%) [...]. Em tempo diz que a religião repartida por etnia se dá da seguinte forma: (*Ibid.*, 2008, p.30) [...] entre a população da etnia *Mancanha* a maioria pratica a religião cristã (65,7%), e cerca de 14% pratica religião animista. Entre a população das etnias *Fula*, *Mandinga*, *Beafada*, *Nalu*, *Sosso* e *Saracule* mais de 80% pratica a religião muçulmana, com valores relativamente elevados entre os Fulas (88%) e os Mandinga (86,9%). Importa mencionar que a religião animista não possui nenhuma expressão entre a população das etnias *Nalu*, *Sosso* e *Saracule*. Entre os *Balantas*, um pouco mais de um terço pratica a religião cristã (36,1%) e cerca de 32% são animistas [...]. Diz também [...] que uma percentagem relativamente importante (15,9%) dos entrevistados não responderam à esta pergunta. Isto pode estar relacionado com a qualidade dos dados, ou, com o facto (sic) da religião praticada ser uma informação de carácter muito pessoal. Por isso, os resultados apresentados devem ser utilizados com algum cuidado. Por outro lado, existe uma percentagem significativa da população que pratica duas religiões, o que não foi contemplado no estudo [...].

¹ Religião tradicional africana.

Não se pode falar da Guiné-Bissau sem citar a chegada das caravanas dos comerciantes e aventureiros portugueses, que se deu no ano 1446 sob o comando do Nuno Tristão. Estes para garantirem suas transações, instalaram a primeira feitoria na região de Cacheu em 1588.

Desde a instalação da primeira feitoria até 1879 a Guiné era província de Cabo Verde e posteriormente ganhou autonomia, porém após a Conferência de Berlim realizada em 1884/85, os portugueses visando controle da região dominam este território, obrigando a população ao trabalho forçado e pagamento de imposto, conforme cita o autor abaixo:

Entre 1882-1936, tem lugar as chamadas campanhas de<<pacificação>>. As forças portuguesas organizaram numerosas campanhas de índole militar, o objetivo de todas elas foi o de ocuparem efetivamente todo o território guineense, mediante a submissão das populações locais e a cobrança do imposto de palhota”, campanhas essas que só ganharam o seu sentido completo com “inverteu de raiz com as campanhas de Teixeira Pinto (1913,1914 e 1915) [...] verdadeiramente pacificada da submissão do régulo de canhabaque (SILVA; SANTOS, 2014, p. 31-32).

Em 1960 houve um processo de descolonização do continente africano, pois Portugal possuía cinco colônias (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) e não queria cedê-las a independência; mediante esse fato, teve início movimentos nacionais em prol da libertação destas cinco colônias. No caso da Guiné, particularmente, o partido que tomou a iniciativa desta tarefa foi o PAIGC - Partido da Independência da Guiné e Cabo-Verde. Conforme a história oficial o PAIGC foi fundado em 19 de setembro 1956, por seu mentor e líder Amílcar Lopes Cabral, em conjunto com outros, camaradas guineenses e cabo-verdianos. O PAIGC tinha como objetivo principal levar avante a libertação da Guiné e Cabo-Verde e uma união entre esses países irmãos. A partir deste ponto começou a luta do PAIGC contra o colonialismo português.

1.2 REGIÃO DE CALIQUESSE E O POVO MANJACO

Descreve Mendes (2014, p. 24-27) que [...] “a região de Cacheu localiza-se no norte do país na fronteira com República do Senegal. Esta região é constituída por seis setores: *Bigene, São Domingos, Bula, Caio, Canchungo*. A maior parte dos habitantes desta região é do grupo étnico *manjaco*” [...].

Figura 2 - Cacheu e suas fronteiras



Fonte: Wikipédia (CACHEU..., 2017).

Na sequência Mendes (op. cit.) demonstra a divisão da sociedade desta região entre nove comunidades. Tais agrupamentos advêm de três critérios relacionados à proximidade geográfica, parentesco e afinidade linguística, são eles:

O subgrupo *Djeta*, *Picixe* e *Caió*; o subgrupo *Canhobe*, *Tam* e *Pandim*; o subgrupo *Babok* (...) que integra *Canchugo*, *Utia Côr*, *Pontchenar*, *Canou*, *Bará*, *Capol*, *Badjope*, *Blequisse*, *Cadjindjassa*, *Tchualam*, *Petabe*, *Beniche* etc.; o subgrupo *Tchur*, que integra *Tchur*, *Cacheu*, *Mata* e *Bianga*; o subgrupo *Pantufa*, o subgrupo *Pelundo* e *Binhante*; o subgrupo *Basserele*; o subgrupo *Caliquesse*, e subgrupo *Cobiano* (MENDES, 2014, p. 24-27).

Figura 3 - Povo manjaco de Caliquesse



Fonte: Leonel Vicente Mendes (2017).

O presente trabalho contém, em sua maior parte, relato sobre o povo *Manjaco* de *Caliquesse*. Identificados como descendente dos *felupes* e segundo Doneux (1975, p.5), junto com as etnias [...] *Papel* e *Mancanha* habitam a zona litoral compreendida entre os rios *Cacheu* e *Geba* e integram o grupo linguístico *Bak*, um subgrupo das línguas oeste-atlânticas Senegal guineenses [...]. A palavra *Manjaco* foi traduzida por Quintino (1967, p. 873) como “eu disse” (Man=eu + Dja=disse + Co=partícula que reforça a afirmação).

O setor de *Caliquesse* está subdividido em mais de 25 *tabankas* (aldeias/clãs), entre as quais, se destacam: *Balomb*, *Baserel*, *Tchatchum*, *Bêtanta*, *Baramb*, *Bajob*, *Bipar*, *Katatch*, *Bô*, *Timate*, *Pegoragor*, *Katchalanm*, *Kaiopa*, *Uko*, *Kanaku Nul*, *Utchak Kanenm*, *Katch*, *Lian*, *Kij*, *Badjendj*, *Babata*, *Batau*, *Bariapin* e *Katidj*. Localizado a 28 km de *Canchungo*, 66 km de *Cacheu* e 100 Km de *Bissau*. Faz fronteira ao oeste com o setor de *Caio*, ao norte com o setor de *Canchungo* e ao leste com o setor de São Domingos.

Possuem um sistema econômico agropecuário, pois conforme Pinto (2009, p. 36) “cultivam tradicionalmente arroz, milho e feijão, recolhem *chabeu* e vinho de palma e criam gado”. Posteriormente Carvalho (2003, p. 232) ratifica e acrescenta dizendo que para os *manjacos*, “incluem-se um sistema econômico baseado na rizicultura alagada; a integração em circuitos de comércio regionais regulares; a organização em pequenas comunidades, com um ou dois milhares de habitantes, distribuídos por territórios com um diâmetro de cerca de cinco quilômetros”.

1.3 SOCIEDADE MANJACO

Como em toda a África ocidental, estas comunidades (*manjacos*) são constituídas por famílias extensas ou alargadas, que são definidas da seguinte forma:

[...] caracterizadas pela existência do grupo constituído por homem, mulher (ou mulheres), filhos, sobrinhos e outros parentes em linha recta – e em alguns casos até em linha colateral – os quais ficam rigidamente vinculados à obrigação de cooperar perfeita e lealmente na manutenção e perpetuação dessa unidade social (CARREIRA, 1961, p. 693).

São sociedades patriarcais, com destacado senso de coletividade e que prestam culto aos antepassados com filiação e descendência patrilinear,

confirmando o exposto Leister (2012, p. 130) informa: “nestas sociedades horizontalizadas prevalece o tipo de família patriarcal. O ‘indivíduo’ cede lugar ao grupo familiar – ‘coletivo’ – em que todos os membros mantêm íntima ligação entre si e as tradições são mantidas, principalmente, o culto aos antepassados”.

Povo dividido em *tabankas*, estas subdivididas em outros grupos com mesma linhagem patrilinear (famílias extensas ou alargadas), desde o período pré-colonial. Bicari fala sobre estas famílias alargadas:

a primeira célula da vida social organizada em que se geram e se harmonizam as relações econômicas (produção, transformação, distribuição, troca, “dívidas” e “créditos”), sociais (família, linhagem, etnia, gênero, educação, saúde), políticas (direitos, deveres, encargos, hierarquias, heranças) e cosmológicas (religião, magia, tempos e espaços sagrados e profanos) da sociedade étnica (BICARI, 2004, p. 136).

Funções predeterminadas para cada linhagem é a marca desta sociedade. Alguns sepultam os mortos, os *Bakuram*; outros são adivinhos, os conhecidos como *Bapene*; outros chamados de *Bamanham* (sacerdotes), que servem nos altares dos *Gétchai* (espíritos), onde só estes podem ter e dar acesso, inclusive qualquer ato neste local sagrado é consumado pelo *Bamanham*; ainda existem os *Babucim* (famílias nobres).

É uma sociedade essencialmente hierarquizada que se estabelece conforme descrição ascendente a seguir: *Naiëk Pëboka* (chefe da casa); *Naiëk kaboka* (chefe da linhagem/famílias extensas ou alargadas); *Maték* (chefes de cada parte)²; *Namantch Utchak* (chefe/régulo) de cada *tabanka* e no topo o *Namantch kor Baserel* (régulo dos régulos, que reside na *tabanka* de *Bassere*), confirmando o exposto:

Têm um sistema de organização territorial em regulados. Sistema este que sobreviveu à colonização e protagonizou, nos anos 80, um episódio conhecido de revitalização do poder tradicional, através da escolha de um régulo por critérios tradicionais, contra os critérios das autoridades administrativas (PINTO, 2009, p. 35).

Vale ressaltar acerca da política descentralizada da região em questão. Cada *tabanka* é governada por um régulo autônomo que junto aos outros membros, podem melhor decidir, elaborar as leis e impor as regras para todos os seus cidadãos.

² A sociedade *manjaco* se subdivide em partes ou seções – clãs.

Estas organizações territoriais chefiadas por régulos são independentes entre si e não se prevê a sua federação ou incorporação voluntária em outros argumentos similares. Mantêm-se tal qual foram criadas, e, até certa época, na quase totalidade sujeitas à prestação de vassalagem a um régulo poderoso, detentor da faculdade de escolher os dos outros territórios, considerados seus vassallos (CARREIRA, 1947, p. 97).

1.4 IRÃS/GËTCHAI (ESPÍRITOS) E BALUGUM (SANTOS/ALMAS ANCESTRAIS) NA RELIGIÃO MANJACO

Segundo Pinto (2009, p. 35) “constituem a terceira maior etnia animista da Guiné”. Esta religião animista, adotada pela maior parte do povo *manjaco*, também é conhecida como religião tradicional ou *Irã*³.

Figura 4 - Espíritos, Santos/Almas Ancestrais e mortais



Fonte: Augusto Trigo (LEISTER, 2012).⁴

Acreditam numa força superior que denominam de *Naciën Batchi* (Chefe dos céus ou simplesmente Deus). Como é de conhecimento de todos nós, a distância entre o céu e a Terra é muito longa, então este povo crê que o *Naciën Batchi*, além de encurtar esta distância é um mensageiro das palavras sagradas. Tais poderes, que lhes são conferidos, facilitam a comunicação do *Naciën Batchi* com escalas

³ Religião tradicional africana também denominada *Irã*.

⁴Imagem (Painel de Augusto Trigo) tem como fonte o trabalho a seguir referenciado - LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau: o boletim cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973)**. 2012. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

superiores. Adicionalmente Mendes (op. Cit., p. 140) informa: [...] é uma figura ambivalente, já que tanto pode representar as forças do mal como as forças do bem [...]. Tornando a informação mais evidente, vejamos a fala abaixo:

Eles acreditam num Deus, que é criador Onipotente e que tem a melhor das intenções para com a humanidade. Mas este Deus está longe e inacessível. Os seres humanos só podem solicitar a sua proteção e clemência através de forças intermediárias espirituais as quais é dado o nome de irã [...] a palavra irã não indica somente qualquer força ou ser espiritual[...] o irã significa a serpente como os espírito ancestrais (JONG, 1988, p. 6-7).

Jong (1988, p. 6-7) apesar de explicar com mais clareza sobre o assunto, não classificou os *Irãs/Gětchai*, além do mais se confundiu ao tentar dar o mesmo significado tanto para os espíritos como para as almas dos ancestrais. Pergunto: será que os espíritos têm a mesma atribuição divina dos considerados santos? Claro que não. Os primeiros, *Irãs/Gětchai*, são criaturas que habitam os céus e mensageiros de Deus, enquanto os *Balugum* (almas dos ancestrais) são pessoas que dedicaram as suas vidas ao serviço da profecia e intermediários no encaminhamento das mensagens para os que aqui na Terra estão. É imprescindível que estes últimos deixem um bom exemplo durante as suas trajetórias terrestre, pois depois das suas mortes, as outras pessoas, baseadas nas obras deixadas, irão atribuir-lhes o título de “santo”. Portanto os *manjacos* acreditam que os *Irãs/Gětchai* são mensageiros de Deus, e protetores dos seres humanos, já os *Balugum* são santos que encaminham mensagens dos anjos aos homens e também vigiam todos que estão na Terra. Os *Irãs/Gětchai* podem ser classificados em duas categorias: os maus e os bons, conforme a percepção daqueles que acreditam neles, e são contratados individualmente ou em grupos, segundo interesse pessoal. Os pedidos variam e têm conteúdos diversos. Alguns estão relacionados a interesses pessoais, como por exemplo: poder usufruir de uma vida melhor, conquistar uma mulher de difícil acesso, ser mais habilidosos nos trabalhos cotidianos, entre outros.

Gětchai Gēwar (espíritos protetores das famílias ou tabancas) possuem os seus próprios altares onde são cultuados. Toda família *Manjaco* tem um ou mais espírito (s) protetor (es) que é (são) cultuado (s) por cada geração que sucede. Afirma Jong (op., Cit., p.9), “todos os adultos têm um irã ou guarda para se protegerem e à sua descendência, contra um determinado número de acontecimentos”.

O *Utchai/Irã* (espírito) mais venerado dentre todos é o da iniciação. Considerado superior, é o primeiro Chefe ou Deus, conhecido em *Caliquesse* por “*Nacien Caliquesse*”, Carvalho (2003, p. 5) demonstra [...] espírito da iniciação, o mais poderoso dos altares autóctenes [...].

Cada *tabanka* do setor de *Caliquesse* possui um *Utchai/Irã* (protetor e guarda de todos os cidadãos). Denominado de forma diferenciada, conforme *tabanka*: em *Bariapind* se chama *Kaimpa*; *Barafal* em *Bastau*; *Utchai Pëtibi* em *Babatcha*; *Bampulintchiih* em *Badjendj*; *Prontchi* em *Kii*; *Kandjangali* em *Kanakun-ul*; *Kacelia* em *Utchak-Kanëm*; *Kaendjam* em *Lianm*; *Kalak* em *Katch Tilas*.

2 RITUAIS DE INICIAÇÃO

Em todas as sociedades e culturas existentes no planeta, como também por todo período e lugares conhecidos, pode-se perceber a presença dos ritos de passagem, que exemplificando pode-se ver: circuncisão (judeus); batismo, comunhão (cristãos); iniciação e feitura de santo (religiões africanas).

Hoje no mundo contemporâneo conhecemos tais ritos como cerimônias, e nas suas etapas, invariavelmente vemos revelados valores, ideologias e cultura do povo que nesta sociedade está inserido. Podem ser classificados como: religiosos ou seculares, individuais ou coletivos, de agregação ou separação. Peirano ratificando o que foi descrito acima, informa:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo] (PEIRANO, 2003, p. 11).

Logo a seguir, na sequência deste trabalho, serão apresentados ritos de iniciação do Adivinho, Régulo e Elaboração da Imagem do Ancestral. Evidenciando nos processos de preparação do Adivinho e Régulo as suas etapas de separação, margem e agregação, que segundo Gennep ([1978?] apud RAMOS, 1978, p. 105) correspondem respectivamente: ao afastamento temporário do neófito do local onde vive; uma série de testes e provas aplicados pelo sábio, para verificar a devida aprendizagem e retorno do recém-iniciado ao grupo de origem, já devidamente transformado e apto para desempenho daquilo a que se propôs.

2.1 CERIMÔNIA DE INICIAÇÃO PËSSON BËPENE (ADIVINHO/CURANDEIRO)

A cerimônia de *Pësson Bëpene* é entendida como um ato em que os *Balugum* de uma determinada família elege alguém dentre seus membros, para servir de

interprete das falas dos deuses para os humanos. Evidentemente, os que fazem esta cerimônia são os próprios *Bapene*, visto que só estes estão aptos para fazerem a interpretação das falas das divindades.

Subsequentemente, para ratificar o exposto Jong (1988, p. 16) informa, “em transe ele pode fazer o seu diagnóstico através da inspiração divina ou teomania. O espírito transmitirá aos seres humanos normais a sua mensagem através de uma linguagem ininteligível, a qual o *djambakus*⁵ pode proferir por ventriloquismo”. Ainda acrescenta, “*Bepene* é uma cerimônia que, após a sua realização, a pessoa torna-se vidente, tornando-se apta a dar consulta e/ou curar doença” (MENDES, 2014, p 126). Em seguida, para mostrar o que os *manjacos* entendem sobre os *Bapene*, Jong (op., cit., p. 15) diz, “o *djambakus* é um adivinho e curandeiro, que na maior parte das vezes, é visto como homem sábio. A sua ajuda é solicitada em alturas de desgraça, tanto pelos camponeses como pelos políticos”.

⁵ Adivinho/Curandeiro em crioulo.

Figura 5 - Imagem do *Napene* (Adivinho/Curandeiro)



Fonte: Adivinho/Curandeiro Nelson da Silva (2017).

Dentre as funções desempenhadas pelo *Bapene* podemos destacar: a orientação de pessoas da aldeia quanto à resolução de problemas diversos (pessoais; familiares; conjugais; relacionados ao trabalho, à saúde etc.); intermediários mensageiros dos deuses; consultores das almas dos antepassados e também curandeiros tradicionais, que trabalham com todo tipo de plantas medicinais.

Para tornar-se *Napene* (Adivinho/Curandeiro) precisa antes de tudo ser oriundo desta linhagem específica. Será designado e convocado pela manifestação de um ente querido já falecido, que dar-se-á após a ocorrência de sinais, como: uma doença (febre amarela, paludismo); um comportamento diferente do costumeiro (praticar roubos); conflito nos relacionamentos, em casa, no trabalho; entre outros diversos. Mendes discorre acerca do exposto da seguinte forma:

A pessoa apercebe-se de que deve fazer a cerimônia de *person bepene* através de sinais que vão constando, que se podem manifestar de uma doença prolongada que a pessoa visada possa enfrentar, da descoberta de um ovo de galinha mole ou de formiga que se enlaçam de uma certa forma.

A presença constante destes sinais leva a pessoa a consultar um *Napene* (...) para se certificar da necessidade de realizar a cerimônia e identificar a respetiva *kakanda* (...) caso se confirme que a pessoa deve realizar a cerimônia, ela nunca poderá recusar-se a fazê-la, sob pena de vir a falecer. (MENDES, 2014, p. 126).

Além dos problemas acima mencionados, Carvalho informa outros como se vê na sequência:

Sabór defrontou com problemas de trabalho e de saúde que o levaram a recorrer aos serviços médicos, tendo inclusive sido hospitalizado, bem como a um *Napene* na França. Este último retirou-lhe uma “pedra” do abdômen, (...) e prescreveu-lhe (sic) os sacrifícios a realizar no altar do espírito da iniciação, o mais poderoso dos altares autóctones (CARVALHO, 2003, p. 5).

Nos tempos pré-coloniais, por assim dizer, o cultivo de arroz e a exploração de vinho palma eram atividades predominantes e de grande importância, pois serviam como moeda de troca na sociedade *manjaco* e quando a cerimônia de *Pësson Bëpene* escolhia esta pessoa, fazia morrer as suas plantações de arroz ou fazia com que escorregasse do pé da palmeira, ainda podia fazer com que não reconhecesse o caminho ou trajeto para casa ou ainda ser surpreendido com a presença de formigas vermelhas em seu quarto. A partir de uma dessas situações a família procuraria consultar os *Bapene* para saber o porquê da doença ou infortúnio, e assim que tivesse uma explicação, tinha por obrigação levar uma quantia de vinho de palma ou aguardente de cana para o *Utchai* mais poderoso da sua *tabanka*, depois ao *Naciën Kalëkis*.

Assim que é confirmada a necessidade da cerimônia do *Bëpene*, a família volta para casa e pergunta àquele que foi vítima de um desses problemas, se aceita fazer a iniciação e tornar-se um Adivinho/Curandeiro. Depois de firmado o compromisso tem início a preparação de todo o processo cerimonial.

Antes da realização da *Kawau Kantentch* (cerimônia para raspar pequeno galho) (galho da árvore conhecida aqui no Brasil como cedro rosa) o que será iniciado deve ir para a casa do *Naiëk Bapene*, chegando lá deve solicitar uma conferência a sós e assim que é concedida tem início o diálogo. O aspirante a adivinho diz, “devo fazer a cerimônia que você já fez”. O *Naiëk Bapene* lhe responderá com voz de admiração, “você quer tornar-se um membro do nosso grupo?” Na continuidade se ouve uma resposta positiva. *Naiëk Bapene* dirá ao seu visitante que deve ir para casa de um específico *Napene*, pedindo para que o

referido seja seu padrinho. As ordens são obedecidas e o padrinho escolhido é notificado pelo afilhado. Irão juntos até a presença do *Utchai* mais poderoso da sua aldeia e depois até o *Naciën Kalëkis*, para lhes avisar que na semana subsequente, no dia de *kalund* (sexta), iniciará o processo de *Kawau Katentch*. Voltam à casa do *Naiëk Bapene* (chefe dos adivinhos) para informar-lhe que já foram até os dois *Gëtchai*. Em seguida o padrinho e *Naiëk Bapene* determinarão a quantia de vinho de palma, que o futuro *Napene* deve levar para a casa do seu padrinho a cada semana (dependendo dos números das semanas estabelecidas as quantias dos vasos de barro que podem ser no mínimo quatro e no máximo seis). Esta cerimônia normalmente acontece numa tarde de *kalund*. Em cada *kalund*, a prima do futuro *Napene* lhe ajudará a levar o vaso de vinho para a casa do padrinho do iniciado. Todas as compras que o futuro *Napene* fizer, com ajuda dos seus primos e primas, serão encaminhadas diretamente a casa do seu padrinho, e só serão transferidas para casa do futuro *Napene* na véspera da festa.

Os *Bapene* das nove aldeias de *Caliquesse*, logo na primeira semana, (os dias da semana em *manjaco* são: *kalel* (segunda), *kakom* (terça), *kaendjam* (quarta), *kaserel* (quinta), *kalund* (sexta) e *katchenu* (sábado)), irão se concentrar a fim de passar para o futuro *Napene* alguns segredos da sua nova profissão.

Terminado o primeiro círculo, que tem duração de quatro semanas ou seis no máximo, no último encontro, o padrinho pede para os seus colegas de profissão que disponibilizem a próxima *kalund* para realizar a cerimônia denominada *Kawau Katentch*. Depois padrinho e afilhado vão até a presença do *Gëtchai* mais poderoso da sua tabanca; em seguida, até o *Nacien Kalëkis*, pedindo a guarda e proteção durante todo decorrer da cerimônia. Sempre ao se dirigirem aos *Gëtchai* levam uma galinha que irão sacrificar, a fim de saberem se os *Gëtchai* estão ou não de acordo com todo processo ocorrido.

Finalmente chega o dia da cerimônia de *Kawau Katentch*. Os *Bapene* vão primeiramente para o *Balugum* na casa do futuro *Napene* pedir proteção no decorrer das etapas. As mulheres de sua *Pëboka* (família – singular) irão fazer a comida, pois muitas pessoas virão tomar parte nesta cerimônia. No final da tarde o público e *Bapene* voltam para as suas casas. Já no próximo dia de *Kalund* é iniciado o círculo para outro novo processo da cerimônia, conhecida como *Kalump Iguidjë*. A etapa se repete como na cerimônia de *Kawau Kantetch*, mas já com outra quantia de vinho em inúmeros vasos de tamanhos bem maiores. Desta vez o futuro *Napene* terá que

levar a casa do seu padrinho, seis vasos no mínimo e oito no máximo, em cada tarde de *kalund*. Fechando este círculo, tem início a festa de *Kalump Iguidjê*.

Em seguida, acontece a *Kanib Umaní* que significa a cotização do arroz. Outros produtos alimentícios também são cotizados, conforme demonstra Mendes (2014, p. 126-127), “para a realização desta cerimônia é utilizado um conjunto de alimentos, nomeadamente arroz, farinha de milho, leite de vaca, caldo de *chebeu*, *manfafa*, inhame, mandioca, banana crua, feijão legumes e *saltão* [...] vivo”. Contrapondo este item, um dos meus entrevistados Carlos Mendes (2016) salienta, que na atualidade e cerimônia em questão, já são comuns produtos como: banana madura e crua, batata, mandioca, inhame, *manfafa*, farinha de arroz ou milho, vinho de palma, mel das abelhas, e dinheiro para a compra de peixe, cabra, porco, galinhas e cãesinhos. Cada membro desta *Kaboka* é obrigado a levar, dependendo da sua possibilidade econômica, certa quantia de produtos, se os produtos não correspondessem aos exigidos pelos *Bapene*, estes marcarão um dia até que os faltosos possam entregar os produtos solicitados. Cabe aos amigos do novo *Napene* a guarda responsável dos produtos que foram entregues para realização das cerimônias *Kawau Katentch*, *Kalump Iguidjê* e *Bëpene*, como também os atendimentos aos visitantes.

Por último, antes do início da festa, com duração de uma semana, acontece o chamado *Pësson Umaní* (descascar o arroz sujo no pilão), ato realizado pelas mulheres da *tabanca* do novo *Napene*, com participação de algumas mulheres de outras *tabancas*. Durante todo o dia, as bebidas e comidas são disponibilizadas para todos pelo futuro *Napene*.

Terminados estes círculos, na próxima *Kalund*, será realizada a festa de *Bëpene* e na véspera os *Bapene* e público se concentram na casa do futuro *Napene*, num período que vai da tarde até manhã do dia seguinte. No amanhecer do outro dia, os *Bapene* sacrificam um porco na entrada da casa do novo *Napene*. Enquanto isso o público e os *Bapene* bebem e comem frutas.

Vale ressaltar que as mulheres embora não possam ser iniciadas como *Napene*, são elas, as únicas e principais responsáveis pela feitura das comidas, portanto cozinham com muita honra no lugar do *Irã de Bapene*.

A festa que teve o seu início na casa do futuro *Napene*, é transferida para o *Irã* da iniciação de *Bapene*. Neste mesmo dia se prepara o abrigo do futuro *Napene*, conforme Carvalho (2003, p. 3) informa a seguir: “No quintal alguns *Bapene*

construíam o abrigo onde o novo *Napene* iria dormir, enquanto outros edificavam uma armação cônica ou pum [...], que serviria de cobertura do futuro *pubol* (manjaco - local do culto) do neófito [...].

Em outro momento o futuro *Napene*, na porta principal da sua casa, tira suas vestimentas, sapatos e amarra só um pano na cintura. Pela noite depois da comida ser servida e consumida, os *Bapene* pedem ao público que abandone o local e ficam só eles (*Bapene* e futuro *Napene*). Os caminhos próximos ao local são interditados, e o público, por sua vez, volta para a casa do novo *Napene*, esperando a volta dos envolvidos diretamente no ritual. Inicia-se todo processo com fases relacionadas ao afastamento, margem e agregação como explicitados a seguir.

2.1.1 Fase do Afastamento

Tem início a fase do afastamento que é caracterizada pelo distanciamento do neófito do meio em que vive, e segundo Carvalho se dá da seguinte forma:

Os *bapene* empurraram o iniciado para o bosque onde se encontra o altar dedicado a usai *batim* [...] ser encontrado e “morto”, adormecido com narcóticos. A algazarra que anunciara este processo, ocorrido tarde na noite seguiu-se o maior silêncio e os participantes foram-se deitando espalhado pelo quintal, envoltos em matas (CARVALHO, 2003, p. 3).

Porém, conforme um dos meus entrevistados tudo acontece de forma distinta do apresentado, e se dá da seguinte forma, dois ou quatro *Bapene* que voltam do *Irã* da iniciação de *Bapene* para a casa do futuro *Napene*, levam um ramo de palmeira que irão colocar no pescoço dele. Todos que estão próximos da imediação ficam somente ouvindo os sons de *Gëntchoí* (chocalhos) dos *Bapene* e murmúrios das cantigas que têm letras indecifráveis. Carvalho ainda acrescenta:

Entretanto, o corpo inteiro de onde o levaram, envolveram no *Ukula* (*manj*: pano branco tecido localmente com algodão da terra) e o colocaram sobre o *Bassésse* (*manj*: esteira onde o neófito se deita durante a iniciação) entre as pernas da mais velha das mulheres *bapene* da sua congregação, rodeado pelos restantes membro (op., cit.).

Um dos entrevistados, Vicente Mendes (2016) afirma que é só por volta da meia noite que os *Bapene* voltam com o recém-iniciado, simbolicamente morto, ou adormecido, pois ele não consegue andar sozinho, nem mexer os braços, muito

menos abrir os olhos, por isso é carregado pelos *Bapene*. Ao chegarem ao *pëbom* (entrada da casa) do recém-iniciado, este é deixado no chão. Os *Bapene* giram e cantam em volta dele, e o público corre para perto. Neste momento, o recém-iniciado é enrolado em um pano branco, a cantoria respondida é acompanhada com o som de *Gëtchoí* (chocalhos). São cantadas muitas músicas, mas a que pretendo realçar é essa, “*mdjaba n’wim pi umde natcham*”⁶, em seguida os *Bapene* falam: “se és já como nós ponha-te de pé”. Quando o iniciado responder se mexendo, prosseguirá a cerimônia com todos cantando numa proporção maior. Caso demore para levantar, o ânimo do público diminui, alguns ficam impacientes, outros cheios de medo e as cantigas param de ser respondida pela maioria. Pode acontecer nestes processos a morte do recém-iniciado (por ser uma posição cobiçada, nesta sociedade, muitos morrem por feitiços dos concorrentes, entre estes feitiços o mais observado é a colocação de objeto(s) no interior do corpo do recém-iniciado), então se faz necessário um enterro imediato e posteriormente seu abrigo será destruído, mas no caso de levantar, entregam-lhe um mamão verde sem manchas, e lhe estendem um pano branco, exigindo que assopre duas ou três vezes, até conseguir tirar as sementes de dentro da fruta. Não conseguindo o feito, significa para os presentes que não será capaz de retirar alguma ferramenta que os feiticeiros colocaram no corpo das pessoas, porém se conseguir, os *Bapene* e público gritam forte, e o mamão é passado para o seu padrinho, este repassa para o *Naiek Bepene*, até chegar ao *Napene* mais velho. Em seguida, os *Bapene* chamam a primeira mulher do recém-iniciado, esta por sua vez começa a dançar na direção do marido, e ao chegar perto se ajoelha aos seus pés, levanta e lhe pergunta, “tinhas ido aonde?”. Ouve-se como resposta, “eu tinha viajado”, a mulher estende a mão esquerda do marido, e ele aperta a mão dela em forma de cumprimento. Cabe ressaltar que os *Bapene* não se cumprimentam com a mão direita, mas com a esquerda.

2.1.2 Fase da Margem

Será relatada a seguir etapa nomeada de margem que corresponde aos vários ensinamentos que são aplicados ao iniciado para o bom desempenho da função.

⁶ “Se és já como nós ponha-te de pé”.

Neste processo os *Bapene* empurram o novo *Napene* para dentro do seu abrigo, onde por uma semana é submetido pelo padrinho e ajudantes aos ensaios e ensinamentos da sua nova profissão. Vale enfatizar que a semana para o povo *manjaco* é composta por 6 dias. O padrinho e ajudantes estão em todo processo protegendo e cuidando do novo *Napene*, pois ele se encontra na condição de uma criança passiva e frágil. Trocam o pano branco em que o indefeso estava enrolado por um pano de *pinte* (pano tradicional do povo *manjaco*) e a partir deste ponto não pode vestir roupa, nem calçar sapato, muito menos sair de *Pëpol* (abrigo) até findar o processo e semana.

Quando é completado o ciclo acima o padrinho e ajudantes o levam para *Naciën Kalëkis* para ser banhado. Na sequência pode vestir a roupa e usar sapatos. Depois é submetido a ensinamentos diversos, principalmente aos relacionados às plantas e suas propriedades curativas.

2.1.3 Fase da Agregação

No final o recém-iniciado é deixado sozinho para realizar o seu trabalho. Esta fase é denominada de agregação, pois corresponde ao momento em que o novo *Napene* retorna ao local de origem para o desempenho da função.

Após todo processo árduo, o futuro *Napene* estará apto: a fazer interpretações das falas das divindades para os humanos; curar as mais diversas enfermidades, dentre estas, doenças que a medicina moderna não conseguiu curar.

Convém ressaltar que os *Bapene* recebem pacientes não só da etnia *manjaco*, mas também de outros tantos grupos diversos; pessoas do território nacional ou aqueles que estão além das fronteiras; os que estão no topo ou base da pirâmide social. Carvalho informa que:

Os *Bapene* definem-se localmente por poderem diagnosticar um problema e iniciar um processo terapêutico. Muitos atuam como curandeiros, podendo vir a receber em suas casas os pacientes. Quando o tratamento é prolongado. Nos casos em que sua reputação se espalha, o fluxo de paciente justifica que se construam alojamentos específicos juntos da casa do *Napene* (CARVALHO, 2003, p. 10).

Em suma, os *Bapene* são pessoas que têm capacidade extra-humana, principalmente no que tange o conhecimento do mundo invisível e seu futuro. São

seres especiais que foram dotados de aptidões incomensuráveis que vão além do explicável pelo universo científico contemporâneo.

2.2 CONDIÇÕES PARA INICIAÇÃO DO NAMANTCH (RÉGULO)

Para exercer este cargo é preciso preencher alguns requisitos básicos, como: 1 - Idade mínima preestabelecida de 25 anos; 2 - Pertencer a uma linhagem específica (*Babucin* - nobreza); 3 – Boa condição física, mental e moral, nessa ordem.

Afirma Carvalho (2003, p. 16) que “[...] no período pré-colonial, se organizavam (sic) em pequenos reinos e chefados com uma dimensão variável de dois mil a cinco mil habitantes”. O que Carvalho está dizendo é que cada *tabanka* se subdividia em facções de duas ou três partes. Cada uma destas partes tinha seu superior e elementos subordinados pelo chefe da *tabanka*, conhecido como *Namantch Utchak* (chefe-Régulo).

Na sociedade *manjaco* a pessoa que passa pelo ritual necessita estar enquadrado nas exigências e seguir os procedimentos passo a passo, ou seja, obedecer à cerimônia conhecida como *Umantch* (cerimônia da iniciação do régulo). Cada iniciação mencionada tem etapas distintas (afastamento, margem e agregação), cujos candidatos devem cumprir à risca para que sejam empossados. O pleito vale também para os *Babucin* (príncipes). Carreira descreve abaixo como o *Nabucin* (príncipe), pode candidatar-se ao posto de *Namantch*. Veja a seguir:

Os <<*Babaçí*>>, esses candidatavam-se (sic) muito cedo aos cargos que desejassem, constituíam-se sempre grupos de pertencentes aos cargos de régulos, para as vacaturas futuras. Cada candidato era obrigado a presentear anual ou periodicamente o régulo de *Bassarel* com quantidades de arroz em casa, gado caprino e suíno, aguardente de cana, cabaças de comida, pólvora e armas ordinárias, peças antigas, panos, etc., só assim lhes era reconhecida a legalidade da candidatura. A irregularidade ou suspensão de pagamento deste como tributo, constituía sempre causa bastante para a eliminação da lista dos candidatos com probabilidades de obter o lugar (CARREIRA, 1947, p. 113).

Percebe-se certa delimitação do foco só no *Namantch Kor Bassarel* e não se pode falar do tronco e esquecer das outras partes que emergem na formação do corpo. Seria interessante que começasse falando sobre outras bases hierárquicas de *Caliquesse*. Carreira (1947, p. 99) informa “o *Namantch Utchak* tem direito a

auxiliares da categoria de <<*Namuã*>> e do <<*Nabitxe*>>, ambas com a mesma designação”, estes costumam ser entronizados por eles e lhes dão ocasionalmente, dependendo da condição da pessoa, uma contribuição entregue por intermédio da primeira *Namaka* (esposa do régulo), que é responsável pelos recebimentos e repasses para *kor* (casa do reinado), enquanto *Namantch Utchak* é entronizado pelo *Namantch Kor Baserel* (Régulo dos régulos), e para este são oferecidas contribuições ocasionalmente. Como Carvalho veio a afirmar na passagem que segue:

Os chefes (...) deviam pagar um tributo ao soberano, sob a forma de prestações com fins rituais (...), oferecidas fosse por ocasião da entronização do régulo ou da própria tomada de posse do tributário. A confederação de Basserel seguia este modelo, e os régulos de todos os territórios aliados (...) entregavam ao soberano dessa localidade uma prestação obtendo em troca uma representação do altar central e um arado de ferro (...) com que encetavam a lavoura nos terrenos (CARVALHO, 1998, p. 60).

É importante enfatizar que além dos produtos e objetos que os candidatos davam como contribuições ocasionais, também efetuavam trabalhos periódicos para o *Bamantch Gětchak* (chefes das *tabankas* e régulos), e os *Bamantch Gětchak* para o *Namantch Kor Baserel* (régulo dos régulos). Outro ponto a ter em conta é que qualquer candidato que tivesse maior frequência à *Kor*, tanto a de *Bamantch Gětchak* como a de *Kor Baserel* (casa do reinado), seria o favorito ao trono, pois criaria uma afinidade com os *Gětchai* (espíritos) de *Kor*, com o próprio régulo e *Namaka*. Além disso, o candidato deveria ter um bom relacionamento com a população da sua *tabanka* e com demais pessoas das outras localizações. Conforme Matta (2000, p. 14) a iniciação do régulo pode ser observada da seguinte forma [...] transforma-se em grupo de idade, cujo componente básico é a camaradagem e a simpatia; as obrigações de casta, segmento ou classe dão lugar a uma liberdade desconhecida e à capacidade de romper barreiras morais normalmente intransponíveis [...]. A fala de Matta encaixa muito bem com a situação real para investidura, pois para transformar um candidato em Régulo é preciso criar uma certa afinidade com a classe reinante e como já referido acima estes indivíduos que pleiteiam por ascensão devem ter idade mínima de 25 anos, contudo, faz-se necessário que também sejam membros da realeza, *Babucim* (família nobre). Esta casta servia de exemplo para todos. Seus membros durante suas vidas deveriam ter

muita cautela, pois qualquer erro poderia lhes causar severas punições, que eram extensivas a família. Nesta sociedade a postura e a maturidade de saber resolver as coisas e de lidar com problemas do dia a dia, tinham muita relevância. Portanto a conduta de um membro da nobreza deveria ser impecável, a fim de que não perdesse privilégios próprios de sua classe e para que pudesse candidatar-se, em tempo oportuno, ao posto de *Namantch Utchak*. Confirmando o exposto temos:

As várias actualidazações dos rituais relacionados com o soberano e o poder é sempre obtido junto de um elemento que lhe deve ser geracionalmente submetido. Com efeito, os ritualistas definidos “fazedores de reais ” são sistematicamente definidos pela sua condição de filhos ou netos de soberanos, tanto em termos reais como identificação de sua origem[...] (CARVALHO, 1998, p. 244).

2.3 CANDIDATURA NAMANTCH UTCHAK CONFORME ENTREVISTADO

Vicente Mendes (2016) relata um fato que ocorreu na década de 80 com um candidato a *Namantch Kor Bariapind* (chefe/régulo da aldeia de *Bariapind*), que será descrito na sequência.

Um homem chamado *Barugan* foi para *Kor Baserel* pronunciar a morte do seu antecessor, mas chegando lá, havia sentado ao trono outro candidato, conhecido por todos pelo nome de *Umende*. Este além de ter chegado primeiro, possuía maior condição (mais afinidade com o régulo, esposa e entidades da realeza; mais riqueza; mais responsabilidade; como também mais frequência à casa do régulo) para ser o futuro *Namantch Utchak*. *Barugan* chamou *Umende* na esquina e lhe disse: eu sei que este ano é o seu, pois já estou com a idade avançada e não tenho mais tanto tempo para viver, quero que antes da minha morte, você me conceda o direito ao título. Eis minha última esperança em vida. Ajude-me! *Umende* não discutiu e lhe deu a oportunidade. Voltaram juntos ao *Namantch kor Baserel* e *Umende* disse que cederia o lugar para *Barugan*. Foi realizada toda cerimônia, e *Barugan* tornou-se régulo, reinou somente dois anos.

Durante os anos do seu reinado, era presenteado por *Umende* com vinho de palma, tabaco e aguardente com o intuito de se divertirem e como subalterno fiel nunca deixou de prestar-lhe serviços e contribuições ocasionais. Tal proximidade fez com que *Namantch Barugan* passasse a confidenciar para *Umende* os segredos da

tabanca. Certo vez quando se divertiam, passou para *Umende* dois sinais que aconteceriam no dia do seu desaparecimento físico.

Numa manhã bem cedinho o *Namantch Barugan*, estava fraco e sem força, sua vida terrena chegava ao fim. Pediu para o seu filho ir dizer a *Umende* que lhe fabricasse um *Ulap*⁷. Foi combinado anteriormente, que este seria um dos dois sinais que *Namantch Barugan* daria ao amigo confidente. *Umende* estava numa *bolanha* (arrozal) distante das casas, o menino foi até ele e passou o recado, mas *Umende* não fazia ideia de como fabricar tal instrumento, além do mais, não sabia nada sobre esta profissão. Todavia para não decepcionar o filho do seu régulo ou até o próprio régulo, aceitou o desafio e continuou o seu trabalho. O menino voltou para Kor.

Num segundo momento uma abelha picou *Umende* na orelha (esse era o segundo sinal). Imediatamente lembrou. Saiu correndo para que nenhum candidato chegasse primeiro a *Kor* e verificasse a morte do seu amigo, *Namantch Barugan*. *Umende* chega em tempo, entra no quarto do chefe/régulo e pode verificar que o chefe e amigo estava morto. Foi correndo para *Kor Baserel*, a fim de informar ao *Namatch Kor* (régulo máximo) sobre o ocorrido. Todo o processo costumeiro é adotado e *Umende* é empossado no trono, reinou até o dia da sua morte.

2.4 FORMAS DIFERENCIADAS PARA CANDIDATURA AO POSTO DE NAMANTCH UTCHAK

Couto (1998, p. 58) diz que [...] um estado como a Guiné-Bissau não tem por suporte uma nação homogênea com um único povo, uma única língua e uma única cultura [...]. Ainda acrescenta Paulina Mendes:

A categorização do grupo étnico manjaco em subgrupos levanta um paradoxo: por um lado, permite-nos ultrapassar a denominação do grupo étnico manjaco que a sua falsa homogeneidade como um bloco evidencia e, por outro, persistem nuances importantes do ponto de vista antropológico e sociológico no seio de cada subgrupo. Por isso, neste trabalho adota-se a denominação “comunidades manjaco” em detrimento de “grupo étnico manjaco”, de modo a demonstrar que as suas várias comunidades apresentam diferenças importantes, quer no que se refere às práticas identitárias, quer no que se refere à sua organização comunitária. Todavia, registam-se algumas cerimónias e rituais em que as suas diferentes comunidades ou subgrupos convergem, nomeadamente, pelas pum (cr.:

⁷ Nome da lâmina que se fixa na ponta de um instrumento usado na lavoura.

tokatchur), pemoi (funeral), pelum petchap (cr. finka firkidja). Estas cerimónias e rituais existem em todas as comunidades manjaco, mas a sua forma de concretização varia um pouco de subgrupo para subgrupo e no seio de cada subgrupo (MENDES, 2014, p. 10).

Mediante o descrito acima fica justificado e ratificado o porquê das diversas regras para obtenção do cargo de *Namantch Utchak*. Essas situações distintas dentro do mesmo grupo *manjaco* serão referenciadas na sequência.

2.4.1 Situação 1

Poderá suceder o *Namantch Utchak* após a sua morte a pessoa que primeiro descobrir seu cadáver, porém tal regra não é válida para a viúva, pois em algumas tradições manjaco a esposa do régulo não pode tocar ou aproximar-se do cadáver do marido, nem tão pouco subir ao trono. Também, segundo a lei estipulada por esta sociedade, o poder não pode ser exercido consecutivamente na mesma *Kaboka* (linhagem). Carvalho (1998, p. 247-248) informa “[...] a rotação do poder entre as várias *kakanda* não permite a um soberano determinar quem será o seu futuro sucessor, tanto mais quanto a sucessão no interior de *kakanda* [...]. Portanto os filhos do régulo nunca o sucedem no trono. Comenta ainda Carreira (1947, p. 62) “os direitos dos filhos do régulo estão limitados ao recebimento dos tributos, em gado ou gêneros”.

O recebimento do tributo é bem difundido nas aldeias comandadas pelos *Namantch Utchak*, com intuito de angariar fundos, pois o poder das sociedades *manjacos* é medido pelo potencial de riquezas. Carreira (1947, p. 76), ainda acresce dizendo que “por essa mesma razão a propriedade imobiliária da terra tem para ele uma alta importância. Num esforço persistente procura obter da terra, os meios de existências e uma soma de riqueza e de prosperidade que o coloque em vantajosa posição social, perante os membros da sua tribo”.

2.4.2 Situação 2

As autoridades descentralizadas procuram individualmente estabelecer normas para substituir o *Namantch Utchak*, por isso tal procedimento ocorre de forma bastante diferenciada e em alguns grupos, Carreira (1947, p. 99) diz, “nos

casos de doença ou outro impedimento, o *Régulo* é substituído no conselho pelo *Meták* (Chefe de cada parte)”.

A escolha dos régulos entre os <<*Batxatxa*>>era feita sempre pelas maiorias mediante morosas e complicadas cerimónias no <<*Irã*>> da <<reinança>> sob o patrocínio e direção do <<*Régulo dos régulos*>>- o de *Bassarel*. Estas cerimónias envolviam o sacrifício de gado, porque a decisão sobre a pessoa a entronizar era dada pelo <<*Irã*>>, mas através da coloração que apresentassem os testículos do animal sacrificado (CARREIRA, 1947, p 113).

Neste trecho o autor refere-se que caso um régulo esteja em apuros, por exemplo, se encontra paralisado, conseqüentemente, será substituído por uma pessoa que está à altura entre o núcleo do seu reinado, para isso o mesmo faz uma reunião para chegar a um consenso sobre a figura que desempenhará a sua função do régulo.

Também se deve levar em consideração a figura feminina que tem destaque na sucessão do trono em alguns aspectos específicos, como relatado por Carreira:

Uma dinastia é constituída sempre pelo grupo de *régulos* de uma mesma descendência materna. A sucessão no cargo diferia-se (sic) apenas pelo resultado da escolha, sem respeito pela ordem de idades ou outro qualquer fator. Quer dizer, agrupavam todos os irmãos, filhos de uma mesma mãe, desde que <<*Natxatxa*>> e irmãos legítimos do último *régulo*, e dentre eles saía pelo sorteio o que devia ocupar o lugar. Desaparecidos todos os descendentes desse mesmo tronco materno, a sucessão diferia-se entre os filhos da irmã seguinte, na ordem de nascimento, da mãe do último *régulo*, o que para todos os efeitos correspondia ao início de uma outra dinastia. Extinto esse ramo familiar, escolhia-se logo outro, de preferência o que tivesse com mais próxima ligação de parentesco (CARREIRA, 1947, p. 114).

2.4.3 Situação 3

A morte do *Namantch Utchak*, e por algum motivo qualquer, os que pertencem às famílias reais, não se descobriram o corpo do *Namantch Utchak*. Neste caso o processo se dá de forma diferenciada e acontece da seguinte forma: o *bandam* (mensageiro) toca o *kambumbulum* (tambor falante) avisando sobre o falecimento. Os membros das classes da nobreza saem a correr, para passar a informação ao *régulo* máximo. Cada candidato leva uma quantia de vinho de palma no “*Ukobës*” (garrafa de barro), depois de cumprimentá-lo, entrega o vinho de palma, serve-o e depois que tiver bebido pode ser inquirido. Então o candidato lhe pergunta

se escutou o toque de *kambumbulum* (tambor falante) ou explosão do “*Upessé*” (boca do canhão – usado no período da colonização para avisar sobre a morte do régulo, mas sem anular o toque *kambumbulum* (tambor falante)). O *Namantch* está ciente do ocorrido, mas não lhe responde. Então o candidato conta sobre o falecimento do régulo.

Qualquer candidato que chegar depois com a mesma intenção, o *Namantch* lhe dirá que outro candidato se manifestou e foi devidamente empossado. Dirá ainda, “não vou te mentir, não posso pegar as tuas coisas, porque amanhã falarás que não presto”. Todavia estes retardatários ainda podem concorrer a posterior substituição do régulo recém-empossado. Esta situação se dá conforme relatado no parágrafo seguinte.

Quando os diferentes *Babucin* se encontram no *Kor Bassarel*, depois de toque de *kambumbulum* (tambor falante) ou explode o “*Upessé*”, o *Namatch* não poderá decidir nada sozinho, ele vai solicitar a presença de sua primeira mulher *Namaka*, que poderá receber as contribuições, e assim que chegar ao local da reunião, o candidato que ela cumprimentar primeiro, este será o próximo a ocupar o trono (depois que o recém-empossado tiver morrido). Ressaltando, que antes deste processo, o *Namatch* teria uma pequena reunião com *Namaka*, no quarto, para fazê-la recordar do candidato que mais frequentou a *Kor*, levando contribuições, como também quem mais realizou trabalhos ocasionais com os jovens da aldeia nos arrozais, hortas e pomares (cajueiros).

Portanto, o método usado aqui é seguinte: o *Namantch Kor Bassarel* (*Régulo* principal) e sua primeira *Namaka* (mulher) fazem a escolha. Se a escolha for difícil, recorrem ao *Utchai Pessiën* (espírito do reinado) no sua *Kor* (casa do reinado). Logo que o nome do candidato é pronunciado pelo *Namantch Kor Bassarel*, este entregará a vassoura e o chapéu ao candidato. Ele regressará para *tabanka* natalina e convocará uma pequena reunião para informar sobre a sua vitória. Solicitará a presença dos residentes da *tabanka* na sua totalidade, para que na madrugada do dia seguinte o ajude a levar cinquenta vacas, certa quantidade de arroz *Pétchor* que cada jovem da *tabanka* levará ao *Kor Bassarel*. Em seguida, por volta das quatro horas da madrugada, o novo *Namantch* irá à frente da população, acompanhado pelos *Babucim* (a partir deste ponto o iniciado não poderá mais ser visto). Enquanto isso, alguns da população têm por responsabilidade levar os presentes mencionados. Os presentes levados serão recebidos pela primeira *Namaka* e depois

apresentados ao *Namantch kor*. Outras pessoas destacadas distribuirão: as 50 vacas, o arroz e as bebidas alcoólicas (vinho de palma e aguardente de cana), nos *Balugum kor* (santos da casa do reinado); nos *Gětchai Kor* (espíritos da casa do reinado); e em cada *Utchai Wiak Utchak* (espírito mais poderoso de cada *tabanka*); e no setor de *Caliquesse*, onde serão sacrificadas para avisar sobre a posse do novo *Namantch*; também como pedido de proteção e para que sejam guardadas as vidas do novo *Namantch* e do *Namantch kor Baserel*; da população da *tabanka* do novo *Namantch*; assim como os da *tabanka* do *Kor Baserel*.

Explicando sobre o próximo passo do processo de entronização do novo *Namantch*, Carreira informa:

Seis dias após este ritual, a pessoa escolhida era conduzida, sempre com a corda ao pescoço, à residência do chefe da povoação de *Chantum* (do *régulo* de *Bassarel*), onde era obrigado a permanecer, escondida de todos, durante oito dias, findos os quais era levado à povoação de *Catama* (sede do *régulo* de *Bassarel*) e recolhida em barracas provisórias construídas exclusivamente para esse fim. Alojada que fosse nessas barracas, retiravam-lhe a corda do pescoço. Seguiam-se ainda as diversas cerimônias para a determinação da data da posse (CARREIRA, 1947, p. 115).

Depois de algumas cerimônias, nos *Balugum kor* (santos da casa do reinado); nos *Gětchai Kor* (espíritos da casa do reinado), e em cada *Utchai Wiak Utchak* (espírito mais poderoso de cada *tabanka*), o candidato ao *Umantch Utchak* no abrigo do *Utchai Pessien* (espírito do reinado), ficará durante uma semana sem sair vestido unicamente com *ufai* (pano). Primeira etapa relacionada ao afastamento, que corresponde ao distanciamento temporário do neófito do meio em que vive. Matta demonstra abaixo o ocorrido com um exemplo parecido, veja:

Tudo se passa como se nos ritos de passagem, a reclusão, a individualização e a invisibilidade dos noviços fossem classificadas como estados negativos, como situações perigosas e antissociais que o estar fora-do-mundo (com sua pletera de mortificações) caracteriza, e que aproxima os neófitos dos feiticeiros, dos *xamãs*, dos heróis civilizadores, dos profetas e de outras figuras associadas a esse estado de distanciamento da sociedade (MATTA, 2000, p. 11).

Neste abrigo ele fica isolado do resto do mundo só com os *Babucim* da sua aldeia, será considerado como um recém-nascido frágil e incapaz. Será defendido dos feiticeiros e maus feitores.

Na segunda etapa relacionada à margem, uma série de testes e provas (com teor desconhecido para aqueles que não fazem parte do processo)⁸ são aplicados pelo sábio, para tanto o iniciado estará num estágio de meditação profunda sobre todas as responsabilidades intrínsecas ao seu novo cargo. Outro ponto a acrescentar é que no sexto e último dia, os *Babucim*, levam-no para *Nacien Kalëkis*, a fim de tomar banho, vestir a roupa e colocar sapatos. Este ponto pode ser comparado à cerimônia própria de outro grupo africano, citado por Ramos (2012, p.4) a seguir: [...] em grupos com forte ligação ancestral *Iorubá*, é realizada uma lavagem ritualística dos pés dos jovens pelas mães ou suas representantes, para retirar os resíduos da infância, cortando também simbolicamente o cordão umbilical [...]

A partir da primeira reunião, terceira e última etapa que corresponde a agregação, em que o novo *Régulo* retorna ao local de origem, é empossado e passa a ser considerado pela população como pessoa mais valiosa, uma dádiva que o *Nanciem Batchi* os concedeu.

Após o ritual no *Naicien Kalëkis* os *Babucim* voltam com o novo *Namantch* diretamente para *Kor* (a residência do régulo) onde a nova casa dele será erguida pela população da *tabanka* e dos voluntários das outras *tabankas*. As mulheres para auxiliarem na construção se dividem em dois grupos: um grupo responsável pela cozinha e outro com a incumbência de pegar a água do poço para saciar a sede dos trabalhadores e molhar a terra cavada pelos homens. Os homens também se dividem em três grupos: uma parte formando adobes (material de argila) para a feitura da casa, os ajudantes repassando adobes aos pedreiros e os pedreiros levantando as paredes com rapidez, pois a casa deve terminar no mesmo dia. Depois o telhado é coberto com capim trançados (feito por jovens e adolescentes), tudo no mesmo dia (CARREIRA, 1947, p. 115) acredita que “durante todo o trajeto, o referido régulo não poderia voltar a cara para trás ou para os lados, deveria manter uma atitude de resignação e de calma perante a situação que lhes criavam, sob pena de ser vitimado pelo <<Irá>>, pois uma vez entronizado, nunca mais poderia voltar os passos pelos caminhos anteriormente percorrido e que o trouxeram à chefia.” Na sequência o *Namantch* toma posse da sua nova residência, onde permanece pelo resto da sua vida, com as mulheres e filhos. É organizada uma

⁸ Só sabem acerca do conteúdo dos testes e provas o recém-iniciado e *Bapene*.

festa com intuito de comemorar a posse do novo soberano e neste dia ocorre uma paralisação total. Ninguém desta *tabanka* pode fazer nenhum tipo de trabalho, seja para ele próprio ou para outra pessoa, todos os cidadãos com saúde devem ir para *Kor* para prestigiar a festa de *Umantch*, que culmina com a subida ao trono do novo *Namantch Utchak*.

Todas as cerimônias têm sua lógica, etapas e momentos cruciais, assim descreve Carreira (1947, p. 116), “a posse tem a sua formalidade especial. O empossado é obrigado a comparecer ao ato munido de uma cabaça onde entorna o sangue da galinha que indica no momento. Esta mesma cabaça é conservada para servir à posse de todos os régulos da mesma descendência materna”.

Contudo, pode-se observar no desenrolar deste último processo, que nada poderá ser concretizado sem a presença do galo na cerimônia, a fim de apurar o merecimento da posse, frisa Carreira:

O sangue de ave imolada é misturado com aguardente de cana e dado a beber ao régulo, à <<*Namáka*>>, ao <<*Kãdjã*>> e aos fidalgos presentes. O primeiro, sentado próximo do <<*Irã*>>, aspira uma pequena quantidade da mistura e fê-la espargir para o seu lado direito e depois para o esquerdo. Depois disso passa a cabaça à <<*Namáka*>>, ao <<*Kãdjã*>>, que se acha sentada atrás dele. Esta bebe também uma pequena quantidade e entrega a cabaça aos circunstantes para efectivamente idêntico preceito (CARREIRA, 1947, p. 116-117).

A partir deste momento ele torna-se juiz do povo e qualquer assunto que tenha ultrapassado a competência de *Pëboka* (família) e *Kaboka* (linhagem), será resolvido no *Kor*, pelo *Namantch Utchak*, pelos seus conselheiros e grupo dos (as) anciões (ãs) da *tabanka*. Carvalho (1998, p.60) diz, “o régulo é umas das instâncias finais para o exercício da justiça, só depois de esgotados outros mecanismos com os diferentes responsáveis comunitários locais ou os rituais de determinados altares”.

Também é importante salientar que o *Namantch Utchak* tem o direito de casar com quantas mulheres quiser.

Figura 6 - Imagem do *Régulo* com sua primeira esposa



Fonte: União Patriótica Guineense (2014).

Cada esposa tem uma função específica a desempenhar para ajudar o recém-empossado em suas diversas áreas. Carvalho descreve esta situação, conforme se vê abaixo:

A representação do poder corporalizada pelo soberano só pode ser compreendida no quadro do conjunto indissociável que forma com as suas mulheres. Todas possuem cargos rituais[...] para além das que acompanharam na cerimónia de iniciação, algumas das suas outras esposas e mesmo viúvas de anteriores régulos (CARVALHO, 1998, p. 241).

2.4.4 Situação 4

Com relação à *Bassarel*, o procedimento é muito diferente quando o *Namantch* morre. Os anciãos (todos do sexo masculino) vão aos *Gëtchai Pëcim* (anjos do poder que auxiliam os régulos na resolução dos problemas) solicitar ajuda para que possam conhecer o nome do sucessor do trono. Sobre esta situação Carreira diz o seguinte:

Quando se tratasse do provimento do cargo de *régulo* de *Bassarel* as cerimónias tomavam um aspecto de grandeza. A escolha de individuo era feita por um elevado número de fidalgos, sob a direcção e orientação do <<*Kãdjã*>> (primeiro conselheiro do *régulo* de *Bassarel*), entre os que pertencessem à casta de <<*Natxatxa*>> e ramo da mesma descendência materna dos *régulos* desta dinastia (CARREIRA, 1947, p. 114).

Comparando a escolha daquele que ocupará o trono do chefe régulo de *Bassarel* as outras *tabankas*, o processo é muito diferente. Já não será mediante a descoberta do cadáver do ex-*Namantch*, que culminará na escolha do sucessor. Este trono poderá ser ocupado pelos *Babucim* de diferentes aldeias: *Manjaco* de *Caliquesse*, *Canchungo*, *Cacheu*, *Caio*, Ilha de *Pecis*, Ilha de *Djeta*, *Pelundo*; povo. *Brame/Mancaha* e algumas *tabankas* do povo *Papel*. A escolha ocorre pela consulta dos *Balugum* e de várias *Gětchai* do reinado, estes indicarão quem poderá assumir o poder. Vejamos o que diz Carreira:

Logo que o sorteio desse a conhecer o fidalgo a entronizar, o <<*Kãdjã*>> e os <<*Grandes*>> denominado <<*Pijâgi*>> (situado em *Catamã-Bassarel*), a consultá-lo para saber se ele dava ou não assentimento à ocupação do cargo pelo seleccionado. Se o resultado da pergunta fosse satisfatório, o grupo chefiado pelo <<*Kãdjã*>> dirigia-se altar horas da noite, à residência do escolhido(...). Chegando ali batiam à porta por três vezes seguidas e chamavam uma só pelo nome. Mal a pessoa assomasse à porta, o <<*Kãdjã*>> passava-lhe uma corda ao pescoço, amarrava-a com laço corredio, e conduzia-a acto contínuo a residência do <<*Namáka*>> de *Blequisse*. A seguir partiam todos para a consulta no <<*Irã*>> denominado <<*Bebuí*>>, situado na povoação de *Catam*. Este <<*Irã*>> também tinha de se pronunciar quanto às qualidades da pessoa e dizer se confirmava a escolha ou não, pois a sua segunda mulher viria a ocupar o lugar de <<*Namáka*>>. A cerimónia no <<*Bebuí*>> consistia no sacrifício de uma vitela de menos de um ano de idade, que tinha de dar indícios de prenhez (CARREIRA, 1947, p. 114-115).

Oportunamente cabe ressaltar aqui o respeito desta sociedade com os ancestrais, inclusive no dia do enterro do ex-*Namantch*, faz-se a cerimônia de *Kalump Pětchaap* (cerimônia para elaboração da imagem ancestral) descrita a seguir.

3 KALUMP PËTCHAAP (CERIMÔNIA PARA ELABORAÇÃO DA IMAGEM ANCESTRAL)

Esta cerimônia tem como finalidade elaborar uma escultura de madeira (copaíba ou pau-de-óleo) como representação material do ente querido falecido (adulto).

Figura 7 - Cerimônia para elaboração da Imagem Ancestral



Fonte: Luís Fernando Júnior (2017).

A pessoa que desenvolve a escultura é indicada pelo *Balugum* (santos – alma dos ancestrais) e pode ser cunhado ou sobrinho do falecido com filiação e descendência patrilinear.

O processo de feitura deve ocorrer na semana que antecede a cerimônia e todo procedimento tem duração de dois dias. Depois de finalizada a imagem criada é trazida para casa do falecido, pelo próprio fabricante, ajudado por alguns membros da sua família, que o acompanham a fim de prestar auxílio no que diz respeito ao carregamento e transporte do objeto, pois o mesmo é sempre produzido na mata, bem distante das moradias.

Figura 8 - Alimentos e bebidas para festa da Escultura Ancestral



Fonte: Luís Fernando Júnior (2017).

Quando a *petchap* (imagem do ancestral) chega à casa do falecido é levada ao *Kazamm/Irã* (espíritos que deitam os cadáveres para serem enterrados) e antes que seja colocada no lugar devido, o responsável máximo por toda cerimônia, que é chamado de *Amaña Petchap*, verte água, aguardente e o sangue do animal (cabra ou vaca) sacrificado para cerimônia. Em um segundo momento este responsável máximo prepara o local onde será enterrada a *petchap* (imagem do ancestral).

Observando este ritual fica evidente o culto do povo *manajaco* a alma dos seus antepassados, Carreira (1947, p. 90-91) ratifica o exposto dizendo que “outro costume que se deve filiar no totemismo é a veneração do *Manjaco* pela alma dos seus antepassados, através de uma simples estaca de madeira. As almas estão sempre simbolizadas no<<Irã>> da <<morança>> ou no da propriedade”. Mendes (2014, p. 130-131) também informa que “é uma escultura que representa o espírito do defunto”, adicionalmente ao reforçar esta ideia, diz, “apesar da *petchap* representar cada defunto, é possível numa cerimônia única afixar vários *petchap*”.

Nestes rituais invariavelmente acontecem sacrifícios de animais, sobre este aspecto Mendes (2014) relata que é [...] “sacrificada uma cabra por cada *petchap* ou

uma vaca para muitos *itchap*” [...]. A escolha dos animais específicos (cabra ou vaca) se dá principalmente pela utilidade de um órgão característico, como afirma Mendes (2014) [...] “por sua pele servir de *Upam*⁹ [...] para a pessoa falecida [...] no mundo do além” [...]. Enfim, fazendo o desfecho deste assunto, Mendes (2014) demonstra que “o *petchap* representa o elo da comunicação com os entes queridos, significa a lembrança em relação aos que já partiram”.

⁹ Upam (manta – cobertura)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este solo onde nasci Guiné-Bissau/África vem por longo tempo sofrendo com a sanha desmedida dos interesses econômicos das potências mundiais, que não só se apropriaram das nossas riquezas, como também tentaram a todo custo eliminar a nossa vasta e grandiosa cultura. Por outro lado se percebe que o universo africano, ou melhor, o mundo dos não ocidentais, é muito pouco abordado nas academias e redes sociais. Portanto, a principal função do trabalho aqui apresentado é a divulgação e registro de alguns rituais do povo *manjaco* (Caliquesse/Cacheu/Guiné-Bissau) para uma consequente expansão destes ricos valores, que são pouco conhecidos e demonstrados. Para isso foram aqui disponibilizados ritos que tratam da Elaboração da Imagem Ancestral, das iniciações do Régulo e Adivinho/Curandeiro.

Nestes dois últimos apresentando a idônea tese de Van Gennep, que classifica as fases de tais iniciações em afastamento, margem e agregação; estas foram aqui bem demarcadas, enfatizadas e embora tenha focado sobremaneira nas suas análises e descrições. Quanto ao afastamento é um momento crucial em que **Bapene** leva neófito para bosque a fim de torná-lo uma pessoa com poderes sobrenaturais para que possa interpretar às falas dos Irãs. Referente à margem, é um momento que um neófito é levado ao mato para mostrá-lo as plantas medicinais e é capacitado para curar os enfermos e, por fim, a fase de agregação é uma fase em que um neófito já se encontra apto tanto para interpretação das falas como de curar os enfermos.

Cabe ressaltar o valor superior e subjetivo de todo processo, uma vez que se percebe prontamente a intenção das cerimônias referenciadas, em especial a do Régulo e Adivinho/Curandeiro, que não têm ligação tão somente com a ascensão do indivíduo ao estrato social subsequente, mas destaca, acima de tudo, a evolução dos valores morais dos envolvidos, para um produto final que corrobore efetivamente para construção do homem como um ser social intrinsecamente dependente do outro.

Neste trabalho constatamos que há quatro situações para se tornar régulo, designadamente: a primeira é quando uma pessoa descobre primeiro que o régulo morreu esta pessoa pode substituí-lo, visto que se acredita que foi guiado pelo

espírito a fim de descobrir sobre o cadáver do régulo. Na segunda quando morre um régulo e não há quem descobriu primeiro faz-se uma reunião em um *irã* de reinança para descobrir a pessoa que está à altura para assumir o trono. Além disso, o régulo principal e a sua esposa que escolhem o candidato para o regulado de uma determinada aldeia, para o efeito, de modo geral baseia-se nas relações afetuosas. Em caso de inaptidão do régulo o núcleo da reinança escolhe o seu vice para substituí-lo mediante o consenso do mesmo.

Ressalta-se que na concepção dos Manjacos, em especial os de Setor de Calequisse as pessoas não morrem, mas, sim, elas partem para um lugar invisível que só as pessoas clarividentes conseguem vê-las. E para se aproximarem destas pessoas os familiares que estão vivos elaboram as suas imagens e, por meio disso, pedem que elas lhes concedam: a proteção, a guarda, a riqueza, a saúde e a estabilidade, pois acreditam que estas estão entre nós e Deus. Enfim, é bom sublinhar que para os manjacos a vida está em conexão com a morte.

“Não havia dentro da estrutura familiar tradicional da Guiné, pessoa desamparada, vivendo de assistência pública”, diz Leister (2012, p. 130), ainda acrescenta Quintino (1967, p. 40), “todos sustentados pelo agregado familiar a que pertenciam”. Evidenciado está, portanto, principalmente nos rituais de iniciação, o constante aprimoramento do cidadão e acima de tudo a preparação deste para trazer de volta o item básico da boa convivência em sociedade, que é o apoio mútuo, para conseqüente obtenção do bem-estar coletivo.

Este trabalho me permitiu verificar que há poucas coisas escritas não só no universo da iniciação do régulo e do adivinho, como a vida sociopolítica dos Manjacos. Os resultados obtidos nesta monografia se devem a pesquisa etnográfica e exploratória, por isso espero que este trabalho sirva como incentivo para outros pesquisadores escrever sobre a identidade cultural dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- BICARI, Lino. Reorganização das comunidades rurais: base e ponto de partida para o desenvolvimento da Guiné-Bissau. **Soronda: Revista de Estudos Guineenses, Bissau**, n. 8, jul. 2004.
- CACHEU (Região). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.], 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cacheu_\(região\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cacheu_(região))>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- CARREIRA, Antônio. **Vida social dos Manjacos**. Lisboa: Centro de Estudo da Guiné Portuguesa, 1947.
- _____. Organização social e econômica do povo da Guiné. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Bissau, v. 16, n. 64, p. 693, 1961.
- CARVALHO, Clara. Ritos de poder e a recuperação da tradição. Os régulos manjaco da Guiné-Bissau. **Soronda: Revista de Estudos Guineense de Guiné-Bissau**, Bissau, v. 4, n. 1, p. 1-349, 1998.
- _____. De Paris a Jeta de Jeta a Paris. **Soronda: Revista de Estudos Guineense de Guiné-Bissau**, Bissau, n. 6, p. 1-18, jul. 2003.
- _____. A revitalização do poder tradicional e os régulos manjaco da Guiné-Bissau. **Soronda: Revista de Estudos Guineense de Guiné-Bissau**, Bissau, n. 7, p. 4-24, dez. 2003.
- COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburg: UNB, 1998.
- FERNANDO JÚNIOR, Luís. **[Foto da cerimônia para elaboração da Imagem Ancestral]**. [S. l.], 2017.
- _____. **[Foto dos alimentos e bebidas para festa da Escultura Ancestral]**. [S. l.], 2017.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral da população e habitação 2008**. Bissau, 2009. 92 p. Disponível em: <http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- JONG, Joop T. V. M. O Irã, o Fulano e a doença. **Soronda: Revista de Estudos Guineenses, Bissau**, n. 5, p. 5-24, jan. 1988.
- LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau: o boletim cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973)**. 2012. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12730/1/Fatima%20Cristina%20Leister.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

LOPES, Carlos. O Kaabu e os seus vizinhos: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 32, p. 9-28, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/770/77003201.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

MATTA, Roberto da. Individualidade e liminaridade: considerações sobre ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v6n1/1969.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

MENDES, Carlos. **[Entrevista concedida a Virgínio Vicente Mendes via Messenger]**. Salvador, 07 nov. 2016.

MENDES, Paulina. **Entre os "Saberes" e o "Saber" universal**: A modernização das comunidades Manjaco e a mandjização do Estado na Guiné-Bissau. 2014. 293 f. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global) - Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/27071/4/Moderniza%C3%A7%C3%A3o%20das%20comunidades%20Manjaco%20e%20Mandjiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20da%20Guine%20Bissau.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MENDES, Leonel Vicente. **[Entrevista concedida a Virgínio Vicente Mendes via Messenger]**. Salvador, 21/22 abr. 2016.

_____. **[Fotografia do povo manjaco de Caliquesse]**. [S. l.], 2017.

PEIRANO, M. (Org.). **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PINTO, Paula. **Tradição e modernização na Guiné-Bissau**: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. 2009. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23213/2/tesemestpaulapinto000093779.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

QUINTINO, Fernando Rogado. Os povos da Guiné. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Bissau, v. 22, n. 85-86, 1967.

_____. Os povos da Guiné. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Bissau, v. 24, n. 96, 1969.

RAMOS, Júlia de Souza. **Ritos de passagem contemporâneo**: ensino médio. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11389.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

RODOLPHO, Adriane Luísa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão bibliográfica antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, 2004. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560>. Acesso em: 17 jan. 2017.

RUI, Manuel. **Eu e o Outro**: o invasor. São Paulo: Centro Cultural, 1985.

SILVA, Francisco Henriques da; SANTOS, Mário Beja. **Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau**: um roteiro. Porto: Fronteira do Caos, 2014.

SILVA, Nelson da. **[Imagem do Napene (Adivinho/Curandeiro)]**. [S. l.], 2017.

SIMÕES, Landerset. **Babel negra**: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné. Porto: O Comércio do Porto, [1935?].

TRABULO, Antonio. **As etninas da Guiné-Bissau**. [S. l.], 2013. Disponível em: <<http://decaedela.blogspot.com.br/2013/04/>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIÃO PATRIÓTICA GUINEENSE. **Campanha da UPG na Região de Biombo**. [S. l.], 2014. Disponível em: <<http://upgbissau.blogspot.com.br/2014/04/a-cultura-e-tradicao-sao-o-elemento.html>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica do descobrimento e conquista da Guiné**. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, [1989?].

ANEXO - Glossário do idioma *Manjaco***A**

Amaña Pëтчap (responsável máximo pela cerimônia para elaboração da imagem ancestral)

B

Balugum (santos – alma dos ancestrais)

Bamantch Gëтчak (chefes das tabankas e régulos)

Bapene (adivinho plural)

Bassésse (esteira onde o neófito se deita durante a iniciação)

Batur (espírito bom ajudador do Napene – Adivinho/Curandeiro - plural)

D

Djambakus (Adivinho/Curandeiro em crioulo)

G

Gëntchoí Bepene (chocalhos dos Adivinhos/Curandeiros)

Gëтчai (espíritos - plural)

Gëтчai Gëwar (espíritos protetores das famílias ou tabancas)

Gëтчai Pëcim (espíritos do poder que auxiliam os régulos na resolução dos problemas)

I

Ibul Napene (raízes dos Adivinhos/Curandeiros)

Irās Gětchai (espíritos)

K

Kaboka (linhagem)

Kaendjam (quarta)

Kakon (terça)

Kalel (segunda)

Kalma (cabaça)

Kalump Iguidjë (fixar tigela de barro no local onde será erguido o abrigo do novo Adivinho/Curandeiro)

Kalund (sexta)

Kanib Umaní (cotização de arroz)

Kaserel (quinta)

Kassaré (espírito representante de Deus na terra)

Katchenu (sábado)

Kawau Katentch (cerimônia para raspar pequeno galho)

Kazamm/Irã (espíritos que deitam os cadáveres antes de serem enterrados)

Kor (casa do reinado)

M

Maték (chefe de cada parte)

N

Naciën Batchi (chefe dos céus/Deus)

Naciën Kalëkis (chefe de Caliquesse/Deus de Caliquesse)

Naiëk Bapene (chefe dos Adivinhos/Curandeiros)

Naiëk kaboka (chefe da linhagem/famílias extensas ou alargadas)

Naiëk Pëboka (chefe da casa)

Namantch Kor Bariapind (chefe/régulo da tabanca de Bariapind)

Namantch Kor Baserel (régulo dos régulos de Baserel)

Namantch Utchak (chefe/régulo - singular)

Nandjankurum (espírito mau - singular)

Napene (adivinho - singular)

Natur (espírito bom ajudador do Napene – Adivinho/Curandeiro)

P

Pëbol (abrigo do Adivinho/Curandeiro)

Pëbom (entrada da casa)

Pëboka (família - singular)

Pëbuka (famílias - plural)

Pëcim (poder)

Pësson Bëpene (literalmente Pësson é descascar e Bëpene plural de Adivinho/Curandeiro)

Pësson Umaní (descascar o arroz sujo no pilão)

Pëtchap (imagem)

Pubol (abrigo do Adivinho/Curandeiro)

Pum (abrigo do Adivinho/Curandeiro)

T

Tabanka/Tabanca (aldeia/clã)

U

Ubassa (esteira onde o neófito se deita durante a iniciação)

Ukotch (Instrumente que o Adivinho/Curandeiro utiliza para retirar objeto que o feiticeiro colocou no corpo de uma pessoa, e faz com que esta pessoa adoença)

Ukula (pano branco de algodão colhido da terra local ou simplesmente cobertor)

Ulitchitch (pássaro preto que sempre está nos arrozais. Alma bafada em crioulo)

Umantch (cerimônia da iniciação do régulo).

Upam (manta – cobertura)

Ussai (variação linguística de espírito)

Utchai (espírito - singular)

Utchai de Bëpene (espírito da iniciação)